

PERCEPÇÃO DOS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS: SUA VARIAÇÃO AO LONGO DA ADOLESCÊNCIA

Diana L. Soares¹ & Leandro S. Almeida

Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal

dianalopessoares@gmail.com

Resumo

Esta comunicação analisa a percepção de adolescentes portugueses em relação às práticas educativas de seus pais. Assim, procedeu-se à aplicação do Questionário de Estilos Educativos Parentais (adaptado e validado por Ducharne, Cruz, Marinho & Grande, 2006) a uma amostra de 136 alunos, de uma escola pública, em dois momentos, nomeadamente no 7.º e 9.º ano de escolaridade. Este questionário engloba 19 itens, agrupados em duas dimensões: Aceitação e Monitorização. A dimensão Aceitação remete para os comportamentos de afecto positivo, suporte emocional e envolvimento nas interações com os filhos. Por sua vez, a dimensão Supervisão corresponde ao conjunto de comportamentos parentais que envolvem a procura de informação em relação aos comportamentos e contextos frequentados pelos filhos. Os resultados obtidos sugerem que rapazes e raparigas não diferem na percepção de aceitação e monitorização parentais e conseqüentemente na categorização dos estilos educativos parentais. Por seu turno, a percepção destas dimensões parece variar em função da fase de desenvolvimental dos adolescentes. No caso concreto deste estudo, quando os adolescentes se encontram na fase intermédia da adolescência percebem os seus pais como menos apoiantes e, simultaneamente, menos controladores.

Palavras-chave: estilos educativos parentais, adolescência.

Introdução

O desenvolvimento humano não pode ser perspectivado apenas considerando as características intrapessoais dos sujeitos. Os contextos sociais onde estes se movem, bem com os processos interactivos que nestes ocorrem são essenciais para o desenvolvimento integral dos sujeitos. A família, enquanto contexto social de referência, assume um papel determinante no desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos seus elementos. Mesmo na adolescência, em que filhos tendem a procurar uma maior autonomia e distanciamento por parte dos pais, a qualidade desta relação assume uma grande relevância, estando associada a uma melhor adaptação social dos adolescentes e a comportamentos de saúde mais sistemáticos (Guimarães, Hochgraf, Brasiliano & Ingberman, 2009). A abordagem tipológica é comumente utilizada no estudo da influência das interações parentais no desenvolvimento das crianças e adolescentes (Ducharne, *et al.*, 2006). Esta abordagem baseia-se no pressuposto de que os pais diferem nas diferentes dimensões comportamentais de interacção com os filhos e que esses comportamentos, quando combinados entre si, permitem inferir o seu estilo educativo parental. Os estilos educativos parentais, bem como as dimensões do comportamento parental têm surgido, em diversos estudos, como importantes determinantes do desenvolvimento e adaptação da criança e jovem (Cerezo, *et al.*, 2011; Soenens, *et al.*, 2006; Cruz, 2005). Na abordagem tipológica, destaca-se a investigação conduzida por Baumrind (1991) que, acompanhando crianças da idade pré-escolar até a adolescência, identificou os principais estilos educativos parentais, concretamente o estilo autorizado,

¹ Bolsista de Investigação pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

autoritário, negligente e permissivo. Estes quatro estilos, mesmo nomeados de forma diferente na literatura, ainda hoje mantêm a sua relevância, sendo estas as designações mais comumente utilizadas na literatura portuguesa (Cruz, 2005). O conceito de estilo educativo parental vai além dos comportamentos e atitudes parentais. O estilo parental é o contexto e o clima emocional no qual ocorrem os esforços dos pais para socializar e educar os filhos de acordo com as suas crenças e valores (Darling & Steinberg, 1993). Para a definição de cada um dos estilos consideram-se particularmente as dimensões de aceitação/responsividade e monitorização/exigência (Maccoby & Martin, 1983). A dimensão de aceitação encontra-se no domínio afectivo-emocional, referindo-se à sensibilidade dos pais face aos interesses e necessidades dos filhos, bem como comportamentos de afecto positivo e suporte emocional. Na adolescência, a dimensão de aceitação parental surge positivamente associada à realização escolar e à adaptação escolar, estando os adolescentes, cujos pais foram considerados mais afectuosos, mais orientados para a escola e mais motivados intrinsecamente para a aprendizagem (Pallock & Lamborn, 2006; Pelegrina *et al.*, 2003). Por seu turno, a dimensão monitorização/exigência refere-se ao controlo exercido pelos pais, para o cumprimento das regras sociais e seguimento das normas morais, envolvendo a procura de informação relativamente aos comportamentos e contextos frequentados pelos filhos (Ducharme, *et al.*, 2006). Na investigação surgem associações negativas entre os níveis de monitorização e problemas de comportamento, ou seja, baixos níveis de supervisão associam-se a elevados comportamentos disruptivos, incluindo o comportamento delinvente, abuso de substância e fraco rendimento escolar (Crouter & Head, 2002). Para a definição dos estilos educativos parentais são consideradas as dimensões de Aceitação e Monitorização (englobando tanto os esforços parentais como a conhecimento concreto e factual por parte dos mesmos). Estas dimensões, consideradas ortogonais e independentes, permitem, partindo dos seus extremos mais elevados e mais baixos, definir cada um dos estilos educativos. O estilo permissivo caracteriza-se pela existência de pouco controlo parental, não recorrendo a castigos ou outras penalizações, perante comportamentos desadequados. Os pais toleram e aceitam os impulsos da criança, permitindo que seja esta a regular as actividades familiares. Este comportamento da criança acaba por ser reforçado pela afectividade incondicional e suporte emocional fornecidos pelos pais. Este estilo está associados a altos níveis de aceitação/responsividade e baixos níveis de supervisão. O estilo autoritário remete para níveis elevados de controlo e supervisão exercidos pelos pais. Recorre-se com frequência a castigos físicos, ameaças e proibições como forma de imposição sobre a conduta dos filhos. Os altos níveis de exigência não dão espaço às necessidades e opiniões da criança, desvalorizando o diálogo e a autonomia das mesmas. Enfatizam a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, mantendo pouco envolvimento afectivo (Moreira, 2008). Neste estilo há uma forte prevalência de monitorização em detrimento de aceitação. No estilo negligente, as famílias nem são exigentes nem responsivas. Os pais não supervisionam o comportamento dos filhos nem dão suporte ou apoio às suas necessidades e interesses (Reichert & Wagner, 2007). Por último, o estilo autorizado descreve um equilíbrio entre o afecto e controlo, aceitação e monitorização. Os pais respeitam a individualidade dos

filhos, promovendo e reforçando os comportamentos positivos dos filhos. Porém, não deixando de exercer o seu controlo, deixando claras as normas e limites. Este estilo parece ser promotor do desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, encontrando-se correlacionado positivamente com a maturidade e competência psicossocial, rendimento escolar, autoconfiança e comportamentos de saúde (Steinberg & Dornbush, 1994).

São inúmeros os estudos realizados com o propósito de analisar o impacto das dimensões familiares no desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes. Apesar do grupo de pares assumir uma importância crescente no decurso da adolescência, a família parece manter um papel primordial do desenvolvimento dos adolescentes (Meeus, *et al.*, 2005; Brown, 2004; Peixoto, 2004). A investigação tem demonstrado que a qualidade da relação familiar tem um impacto relevante em diversas dimensões da vida do adolescente, nomeadamente com o ajustamento académico (Noller, 1994), com o auto-conceito e auto-estima (Peixoto, 2004). De destacar que níveis mais elevados de auto-estima estão associados a estilos educativos mais autorizados, pautados por tomadas de decisão em família mais democráticas (Lord, Eccles & McCarthy, 1994). Verifica-se ainda uma forte relação entre os estilos educativos parentais e o rendimento escolar das crianças e jovens (Camacho & Matos, 2007; Griffith, 1996) O estilo autorizado surge associado positivamente ao sucesso escolar, maiores aspirações académicas, sentimentos mais positivos em relação à escola e maior prontidão na realização de tarefas escolares (Baumrind, 1991; Lamborn, *et al.*, 1991). Um estudo recente efectuado por Cerezo e colaboradores (2011), visando avaliar a relação entre os estilos educativos e as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos adolescentes, concluiu que os jovens cujos pais revelaram estilos democráticos ou permissivos apresentavam mais estratégias de aprendizagem auto-reguladas, e conseqüentemente melhor rendimento académico. Estes dados são corroborados pelos dados de uma investigação conduzida por Camacho e Matos (2007). Este estudo, incidindo sobre a influência das práticas educativas parentais na fobia social e no rendimento académico dos adolescentes, demonstrou que os jovens cujos pais dão autonomia e afecto tendem a obter melhores resultados escolares e menor predisposição para apresentarem fobia social. Por outro lado, os filhos de pais protectores tendem a revelar pior desempenho escolar e sintomas de fobia social. Foi ainda encontrada uma relação positiva entre o rendimento académico e as dimensões carinho pai e mãe e autonomia pai, ou seja, quanto mais afecto for dado pelos pais e quanto maior for a autonomia veiculada por parte do pai, melhor é o rendimento académico. Por outro lado, verificou-se uma associação negativa entre a dimensão de protecção da mãe e o desempenho escolar.

No que respeita ao estudo da percepção dos estilos educativos consoante o sexo e a fase da adolescência em que o jovem se encontra foram encontrados, na literatura, dados bastante interessantes. Destaca-se um estudo longitudinal efectuado por Goede, Branje e Meeus (2009). Este teve por objectivo analisar as variações ao longo da adolescência no que respeita à percepção dos jovens da qualidade da relação pais-filhos, aferida através das dimensões de suporte parental, conflitos com os pais e poder/autoridade parental.

Os dados revelaram que, no decorrer da adolescência, a relação pais-filhos torna-se mais igualitária, percepcionando-se um menor controlo e autoridade parentais. Também a percepção de suporte parental por parte dos jovens parece sofrer a influência da idade. A percepção de suporte parental tende a diminuir com o avançar a adolescência, em particular da fase inicial para a fase intermédia da adolescência (Helsen *et al.*, 2000; Meeus *et al.*, 2005), estabilizando na fase final da adolescência (Meeus *et al.*, 2005; Shanahan *et al.*, 2007). Estes dados são reforçados pelo estudo de Ducharme e colaboradores (2006) cujos resultados apontaram para diferenças significativas em relação à idade cronológica nas dimensões de supervisão e aceitação, sendo, contudo uma correlação mais fraca. Como tal, verificou-se alguma tendência para os adolescentes mais velhos percepcionarem os pais como menos responsivos e menos controladores. Num estudo efectuado com uma amostra de crianças dos 8 aos 11 anos sobre a percepção que estas têm dos estilos educativos dos pais encontrou diferenças nos estilos parentais em função da idade e sexo da criança (Canavarro & Pereira, 2007). Assim, as raparigas parecem perceber menos rejeição por parte de ambos progenitores e menor controlo por parte do pai. Além disso, percebem também mais suporte emocional por parte da mãe, comparativamente com os rapazes. Também as crianças mais novas percepcionam mais suporte emocional, maior rejeição e maior tentativa de controlo. Alguns autores apontam o facto de a associação entre suporte emocional e tentativa de controlo ser específica do período da infância (Markus, *et al.*, 2003; Castro, *et al.*, 1993). Os comportamentos de controlo parental podem ser encarados, por crianças, como forma de suporte emocional, mas em adolescentes, esses mesmos comportamentos podem ser percepcionados como intrusivos, com conotação mais negativa.

Em termos gerais, no que respeita a diferenças de género, os dados são inconclusivos. Há estudos que encontraram diferenças ao nível da percepção do suporte parental (nomeadamente por parte da figura materna), mas apenas na fase final da adolescência (Furman & Buhrmester, 1992). Outros estudos não encontraram diferenças de género em qualquer fase da adolescência (Moreira, 2008; Meeus, *et al.*, 2005; Helsen, *et al.*, 2000). Destacando a comparação entre as dimensões de Aceitação e Monitorização consoante o género, um estudo efectuado por Costa (2000) revelou que as raparigas perceberam maiores níveis de exigência (materna e paterna) do que os rapazes. A responsividade materna observada foi superior à paterna para ambos os sexos, porém as raparigas atribuíram valores de responsividade mais altos às mães do que os rapazes. Estes dados são corroborados pelas conclusões retirados do estudo de Ducharme, *et al.*, (2006) onde se verificou que as raparigas percepcionam os seus pais como mais responsivos e controladores do que os rapazes. Para além disso, revelou ainda que as raparigas percepcionam mais os seus pais como autorizados, enquanto os rapazes têm tendência para os considerar mais permissivos e negligentes. Outra pesquisa revelou que as raparigas tendem a ser mais sensíveis às percepções dos estilos parentais (Justo, 2005). Todavia, estes dados estão longe de serem consistentes. Contribuindo para a controvérsia destes resultados, apresenta-se um estudo efectuado por Moreira (2008), com jovens do 7.º ano de escolaridade, no qual se verificou que as

dimensões responsividade e supervisão se encontraram igualmente distribuídas pela amostra, não se verificando qualquer diferença em função do género.

Metodologia

Objectivo

Este estudo tem por objectivo analisar a percepção de uma amostra de adolescentes portugueses em relação às práticas educativas dos seus pais. Pretende-se, desta forma, verificar se existem variações na primeira fase da adolescência na percepção dos estilos educativos parentais e se a essa percepção se diferencia em função da variável sexo.

Participantes

A amostra é constituída pela totalidade dos alunos a frequentar o 7.º ano de escolaridade de uma escola pública de 2.º e 3.º ciclos, correspondendo a 136 adolescentes. A amostra encontra-se dividida equilibradamente em relação ao sexo, sendo 47,1% do sexo masculino e 52,9% do sexo feminino. Os adolescentes apresentavam idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, média de 12,8 anos e desvio padrão de 1,13. O contexto envolvente à escola é considerado tradicionalmente rural, encontrando-se numa zona limítrofe de um centro urbano do distrito de Braga. No que respeita ao nível sócio-económico, a maioria dos adolescentes provem de uma classe social baixa, destacando-se que 91,2% dos pais e 92,6% das mães exerce uma profissão pouco ou não qualificada.

Instrumentos

Para a concretização deste estudo recorreu-se ao Questionário dos Estilos Educativos Parentais (QEEP). Este constitui a tradução e adaptação, por Barbosa-Ducharne, Cruz, Marinho e Grande (2006), do questionário construído por Lamborn, Mounts, Steinberg e Donrbusch (1991). O questionário engloba o total de 19 itens organizados em duas dimensões: aceitação/responsividade e monitorização/exigência. Esta última dimensão encontra-se subdividida em dois conjuntos de itens. Um primeiro que se foca na monitorização parental (captando os esforços e tentativas dos pais para a obtenção de informação) e o segundo conjunto referente ao conhecimento parental, isto é, as informações concretas que realmente os pais dispõem. Este questionário apresenta boas qualidades psicométricas, nomeadamente ao nível da sensibilidade, permitindo discriminação entre os sujeitos e níveis satisfatórios de consistência interna nas subescalas identificadas (aceitação parental de 0,78 e monitorização parental de 0.85). A análise factorial exploratória revelou uma estrutura semelhante à escala original (Lamborn, *et al.*, 1991), em dois factores, explicativos de 43% da variância. Outras análises para a validação da escala estão a ser realizadas pelos autores, visando um aprofundamento do estudo da dimensionalidade deste instrumento. Foi ainda aplicado um questionário socio-demográfico, elaborado para o efeito, com o objectivo de recolher dados de cariz informativo, relativamente à idade, sexo, nível socioeconómico, bem como outros dados referente ao percurso escolar do jovem. Neste estudo apenas se consideram os dados referentes ao sexo e idade dos participantes.

Procedimentos

Após o contacto e autorização por parte da Direcção do Agrupamento de Escolas, foram endereçados pedidos de autorização aos encarregados de educação de todos os alunos a frequentar o 7.º ano de escolaridade. Por parte dos adolescentes obteve-se um consentimento informado activo. Os instrumentos foram aplicados colectivamente em cada turma, durante um tempo lectivo. Foi assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos. Os jovens aderiram e colaboraram com a administração dos questionários. Os alunos foram seguidos no seu percurso escolar e novamente avaliados no 9.º ano. Porém, não foi possível obter dados referentes a todos os alunos, uma vez que 25,9% dos alunos (35) deixaram de frequentar a escola de origem, tanto por motivos de abandono escolar, como por transferência para outros estabelecimentos de ensino/formação.

Resultados

De seguida apresentam-se os resultados obtidos neste estudo para posterior discussão. Apresenta-se, na tabela 1, os valores encontrados para cada uma das dimensões do QEEP em função do ano de escolaridade e do sexo dos inquiridos.

Tabela 1: Distribuição dos resultados obtidos em cada dimensão do QEEP, por ano de escolaridade e sexo

Dimensões	Ano de escolaridade	Sexo	N	Mínimo - Máximo	Média	DP	
Aceitação	7.º Ano	F	72	2,22	4,00	3,38	0,45
		M	63	2,17	4,00	3,22	0,43
		<i>Total</i>	<i>135</i>	<i>2,17</i>	<i>4,00</i>	<i>3,30</i>	<i>0,45</i>
	9.º Ano	F	57	2,43	3,86	3,24	0,37
		M	43	2,14	4,00	3,12	0,46
		<i>Total</i>	<i>100</i>	<i>2,14</i>	<i>4,00</i>	<i>3,21</i>	<i>0,41</i>
Monitorização	7.º Ano	F	72	1,60	4,00	3,18	0,59
		M	63	2,00	4,00	3,03	0,55
		<i>Total</i>	<i>135</i>	<i>1,60</i>	<i>4,00</i>	<i>3,10</i>	<i>0,58</i>
	9.º Ano	F	56	1,60	4,00	3,05	0,60
		M	43	1,40	4,00	2,94	0,55
		<i>Total</i>	<i>99</i>	<i>1,40</i>	<i>4,00</i>	<i>3,00</i>	<i>0,57</i>

A análise da tabela permite verificar que os alunos do 7.º ano apresentaram médias mais elevadas de aceitação e monitorização que no 9.º ano, ou seja, verifica-se alguma instabilidade nas dimensões de

aceitação e monitorização ao longo da adolescência, parecendo que quanto mais avançamos na adolescência, menor é a percepção destas dimensões. No que respeita ao sexo dos jovens, rapazes e raparigas tendem a apresentar médias diferenciadas na percepção de aceitação e monitorização parentais, sendo que as raparigas apresentam médias mais elevadas em ambas as dimensões e em ambas as fases de recolha de dados (7.º e 9.º anos). Para a confirmação de diferenças estatísticas entre sexos na percepção de ambas as dimensões recorreu-se ao teste T-Student. Assim, no 7.º ano foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas apenas na dimensão Aceitação ($t(133) = -2,151, p < .05$). No 9.º ano, esta desigualdade não se manteve, não se encontrando diferenças significativas entre sexos. Para verificar se as oscilações nas médias obtidas ao longo do tempo assumem significância estatística procedeu-se à análise da variância, através do método de medidas repetidas, considerando os dois momentos de recolha de dados (7.º e 9.º anos) e controlando o efeito da variável sexo dos adolescentes. Um aspecto a atender é o facto da redução do N da amostra não ter um impacto acentuado nos resultados dado que as médias obtidas nas duas dimensões no 7.º ano com um N de 98 coincidem com as médias obtidas com um N de 135 quando na análise dos resultados (tabela 1). Considerando o factor 1 Aceitação e comparando os dois momentos 7.º e 9.º ano verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os dois momentos, para $F(1,96) = 20,127, p < .001$, no sentido de uma diminuição na média quando passamos do 7.º para o 9.º. Para o factor 2 Monitorização, verificam-se diferenças significativas entre o 7.º e o 9.º ano, para $F(1,96) = 9,854, p < .01$, de novo apontando para médias superiores junto de alunos do 7.º ano. Constata-se, desta forma, que há instabilidade na percepção das duas dimensões no decurso da adolescência, sendo esta variação independente da variável sexo. Estes dados parecem indicar que na fase inicial da adolescência os jovens têm tendência para percepcionarem os seus pais como mais apoiantes e responsivos, e cumulativamente mais controladores das suas rotinas.

Procedeu-se posteriormente à classificação dos sujeitos pelos estilos educativos parentais. Efectuou-se a tripartição da amostra em função da distribuição de cada uma destas dimensões, obtendo assim os valores dos pontos de corte para cada terço. O cruzamento das distribuições destas duas dimensões permitiu a identificação dos adolescentes que percepcionam as práticas educativas dos seus pais como autorizadas, negligentes, autoritárias e permissivas. Para os jovens cuja percepção não se enquadrava tipicamente nos quatro estilos, esta foi denominada como estilo não identificável. Passando agora à análise da tabela 2 da distribuição dos estilos educativos por ano de escolaridade e por sexo, verifica-se que o estilo educativo autorizado é o mais frequente tanto no 7.º como no 9.º ano. Por sua vez, o estilo educativo permissivo é o menos frequente no 7.º e 9.º ano. No que respeita apenas ao 7.º ano são os estilos educativos autorizado e negligente os mais considerados. No 9.º ano, o estilo educativo negligente passa a ter o mesmo valor que o autorizado.

Tabela 2: Frequência dos estilos educativos parentais por ano de escolaridade e por sexo.

Ano de escolaridade	Estilo educativo parental	Sexo	N total
---------------------	---------------------------	------	---------

escolaridade	parental	Feminino	Masculino	Frequência
		Frequência	Frequência	
7.º ano	Autorizado	22	12	34
	Autoritário	5	5	10
	Permissivo	6	2	8
	Negligente	14	16	30
	Não identificável	25	28	53
9.º ano	Autorizado	13	4	17
	Autoritário	2	3	5
	Permissivo	4	1	5
	Negligente	9	8	17
	Não identificável	29	27	56

Do 7.º para o 9.º ano verifica-se que os jovens revelam maior dificuldade na definição dos estilos educativos parentais, uma vez que é maior o número de percepções que não se encaixam tipicamente num dos quatro estilos (não identificável). No que respeita a diferenças de sexo, no 7.º ano, as raparigas avaliam os seus pais mais frequentemente como autorizados, enquanto que os rapazes mais como negligentes. No 9.º ano, essa diferença mantém-se. De destacar ainda que os rapazes parecem ter maiores dificuldades na identificação dos estilos educativos dos seus pais, apresentando maior percentagem de percepções que não se encaixam na tipologia dos estilos educativos. Para verificarmos se as diferenças encontradas entre sexos são estatisticamente significativas recorreu-se ao teste do Qui-Quadrado. Verificou-se que, para o 7.º ano, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos e no 9.º ano retiram-se as mesmas conclusões. Pretendendo, posteriormente, avaliar se existiam variações ao longo da adolescência na percepção dos estilos educativos parentais, procedeu-se a uma análise mais qualitativa da variação ou manutenção da percepção dos alunos entre o 7.º e o 9.º ano. Estes resultados foram obtidos cruzando as frequências obtidas em cada estilo no 7.º e no 9.º ano. Foram considerados apenas os alunos que foram avaliados nestes dois momentos, retirando da análise comparativa os 26% de jovens que fizeram parte apenas da primeira fase de recolha de dados.

Tabela 3: Tabela comparativa das frequências dos estilos educativos parentais no 7.º e 9.º anos

		Estilos educativos parentais no 9.º ano				
		Autorizado	Autoritário	Permissivo	Negligente	N. Identificável
educativos parentais no 7.º ano	Autorizado	17 (8)				
	Autoritário		5 (0)			

	Permissivo			5 (0)		
	Negligente				17 (7)	
	N.identificável					55 (21)

Esta tabela apresenta os dados comparativos do 7.º e 9.º ano, referentes à percepção dos estilos educativos parentais por parte dos jovens. O objectivo é analisar se as frequências de cada um dos estilos varia do 7.º para 9.º ano. Ao cruzarmos as frequências dos estilos do 7.º com as dos estilos do 9.º ano é possível verificar que as frequências não se mantêm estáveis ao longo da adolescência. Assim, no que respeita ao estilo autorizado, dos 17 jovens do 9.º ano que o percebem, apenas 8 também o fizeram no 7.º. No caso dos estilos autoritário e permissivo, nenhum dos alunos manteve a sua percepção, ou seja os alunos que avaliaram os seus pais como autoritários e permissivos no 7.º ano não mantiveram a sua opinião. No estilo negligente apenas 7 dos alunos manteve a sua opinião ao longo da adolescência.

Discussão dos resultados

Para a discussão dos resultados, consideram-se os dois pontos anteriores. Numa primeira fase, analisam-se os resultados obtidos para as duas dimensões do QEEP, concretamente a Aceitação e Monitorização. Posteriormente, passa-se à discussão dos resultados referentes à percepção dos quatro estilos educativos parentais. Ambos os pontos são analisados considerando potenciais diferenças de género e ainda a sua eventual variação ao longo da adolescência. Apesar de os dados apresentados na tabela 1 parecerem indicar diferenças quanto ao sexo nas dimensões de aceitação e monitorização, essas diferenças são apenas significativas no 7.º ano e na dimensão de Aceitação. No 9.º ano, essa diferença parece esbater-se já que não se verificou significância na relação entre o sexo e a percepção de ambas as dimensões. No que respeita à percepção dos estilos educativos parentais, não se verificam também, neste estudo, diferenças significativas entre rapazes e raparigas, tanto no 7.º, como no 9.º ano. De referir que este tema está longe de ser consensual, dado que na literatura encontram-se tanto estudos que reforçam as diferenças de género, como investigações em que esta diferença de esbate. De referir que Moreira (2008), utilizando o QEEP numa amostra de adolescentes do 7.º ano não encontrou diferenças entre os sexos, encontrando-se as duas dimensões igualmente distribuídas na amostra. Porém, no anterior estudo de adaptação e validação do QEEP à população portuguesa (Ducharme, *et al.*, 2006) os resultados obtidos apontaram para diferenças significativas em relação ao sexo nas dimensões de monitorização e aceitação, sendo que as raparigas percebem os seus pais como mais responsivos e controladores do que os rapazes. Nesta investigação foram ainda encontradas diferenças em função do sexo na percepção dos estilos educativos, dado que se verificou que as raparigas perceberam mais os seus pais como autorizados, enquanto os rapazes revelaram tendência para os considerar mais permissivos e negligentes. No estudo aqui apresentado apenas se verificam diferenças na dimensão Aceitação, no 7.º ano, o que não foi suficiente para a diferenciação dos estilos educativos. Estes

resultados parecem assim contribuir para a controversa em redor do tema das diferenças de género e parentalidade, uma vez que tanto contradizem como corroboram conclusões de investigações anteriores à que se apresenta. Deixando de lado as potenciais diferenças de sexo e encarando a amostra na sua totalidade, verificam-se diferenças estatisticamente importantes nas duas dimensões do QEEP, em função do ano de escolaridade. Assim, quando os jovens se encontravam no 7.º ano tendiam a perceber os seus pais como mais apoiantes e responsivos e simultaneamente, mais controladores e conhecedores das suas rotinas. Parece então diminuir, ao longo da adolescência, a percepção dos jovens em relação às dimensões de Aceitação e Supervisão. Tal pode prender-se não só com a diminuição efectiva desses comportamentos por parte dos pais, como também com a menor sensibilidade do adolescente para os perceber. De destacar ainda que com o avançar da adolescência, os jovens tendem a procurar maior autonomia e a alhear-se mais dos seus pais, podendo esta variação sofrer o impacto desse afastamento (Guimarães, *et al.*, 2009) Importante referir que os estilos educativos não dependem exclusivamente das características dos pais. Aspectos como a idade, o temperamento e personalidade dos adolescentes podem ser determinantes na determinação do estilo educativo dos pais (Kuczynsky, Marshall & Schell, 1997). No caso particular deste estudo, os resultados obtidos revelam que a variação na percepção de Aceitação e Monitorização não sofreu impacto da variável sexo, parecendo depender apenas da fase da adolescência em que os jovens se encontravam nos momentos de recolha de dados. Por sua vez, também no que respeita aos estilos educativos parentais, a percepção dos jovens vai oscilando ao longo da adolescência, uma vez que apenas uma pequena percentagem de alunos considerou consistentemente os seus pais como autorizados e negligentes, respectivamente, 8 em 17 e 7 em 17. Nos estilos educativos autoritário e permissivo nenhum dos alunos foi consistente ao longo do tempo. Desta forma, apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas nas percepções de aceitação e monitorização e dos estilos educativos, estas dimensões variam ao longo da adolescência, considerando apenas a fase inicial (7.º ano) e a fase intermédia da mesma (9.º ano). Assim, mesmo em períodos de tempo relativamente curtos (2 a 3 anos) é notória a instabilidade dos adolescentes na percepção dos comportamentos parentais. A variação encontrada ao longo da adolescência é corroborada por estudos efectuados na área. Ducharme e colaboradores (2006) concluíram também que a percepção de aceitação e monitorização varia em função da idade cronológica, verifica-se alguma tendência para os adolescentes mais velhos perceberem os pais como menos responsivos e menos controladores. Outros estudos internacionais salientam as diferenças na relação pais-filhos no decorrer da adolescência. Goede e colaboradores (2009) destacam que esta relação passa, gradualmente, a ser mais igualitária, percebendo-se menor controlo e autoridade parentais. Também com o avançar da adolescência, a percepção de suporte emocional tende a diminuir, particularmente da fase inicial para a intermédia (Meeus, *et al.*, 2005).

Conclusões

Este estudo permite concluir, no caso concreto destes adolescentes, que a variável sexo não interfere na percepção dos comportamentos parentais, nem na determinação dos estilos educativos. Corroborando outras

investigações nacionais e internacionais na área, verifica-se, ao longo da adolescência, variações na percepção dos jovens das dimensões de Aceitação e Monitorização parentais e, conseqüentemente, na atribuição dos estilos educativos que lhes correspondem. Acreditamos que este estudo se revestiu de particular importância devido ao facto de acompanhar a amostra ao longo da adolescência, permitindo uma análise mais aprofundada daqueles sujeitos em dois momentos distintos do seu desenvolvimento. Apesar de a amostra não ter um N robusto que permita generalizações, os dados referentes ao percurso e ao processo são valorizados em função das notas obtidas nos testes e da sua significância. Foi possível compreender qual o percurso de cada adolescente, focando-se em dois pontos específicos, o 7.º e o 9.º ano, possibilitando não só comparações inter-sujeitos como intra-sujeitos. Apesar dos contributos deste estudo para a literatura na área, importa referir algumas recomendações de melhoria. Na determinação dos estilos educativos parentais foram consideradas apenas as percepções dos jovens em relação aos mesmos. Seria pertinente, para além desta avaliação por parte dos filhos, proceder também à aferição directa desses estilos através da auscultação dos próprios pais. O facto de se considerarem apenas as percepções dos adolescentes é particularmente problemático dado que pais e filhos adolescentes frequentemente discordam nas suas percepções, não sendo consensuais as suas opiniões (Renk *et al.*, 2008), pelo que seria recomendável, em posteriores estudos, incluir algum instrumento de auto-relato ou auto-avaliação direccionado para pais. Um outro aspecto relevante seria prolongar este estudo, incluindo uma terceira fase de recolha de dados, nomeadamente o 12.º ano, por corresponder à fase final do período de adolescência. Seria possível, desta forma, verificar se os resultados encontrados se mantêm no decorrer da adolescência ou se as percepções dos estilos educativos parentais se cristalizam aquando da transição para a fase de adulto.

Bibliografia

- Baurmind, D (1991). Parental styles and adolescent development. In R. Lerner, A. C. Petersen & J. Brooks-Gunn (Eds), *The encyclopedia on adolescence*. New York: Garland.
- Brown, B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology*, 363-394. Hoboken, NJ: Wiley.
- Camacho, I. & Matos, M. G. (2007). Práticas Educativas Parentais, Fobia Social e rendimento académico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, vol.3, n.º 2, 25-33.
- Canavarro, M. C. & Pereira, A. I. (2007) A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: a versão portuguesa do EMBU-C. *RIDEP*, Vol. 2, N.º24, 193-210.
- Castro, J. Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W.A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39, (1), 47-57.
- Cerezo, M. T.; Casanova, P. F.; Torre, M.J. & Carpio, M. V. (2011). Estilos educativos paternos y estrategias de aprendizaje en alumnos de Educación Secundaria. *European Journal of Education and Psychology*, vol. 4, n.º 1, 51-6.
- Costa, T. G: (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473.

- Crouter, A. C. & Head, M. R. (2002). Parental monitoring and knowledge of children. In M. Bornstein (ED.), *Handbook on parenting*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S. & Grande, C. (2006). Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, Vol V, n.º1, 63- 75.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103–115.
- Goede, I., Branje, S. & Meeus, W. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal Youth Adolescence*, 38, 75-88
- Guimarães, A., Hochgraf, P. Brasiliano, S. & Ingerman, Y. (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36, 69-74.
- Griffith, J. (1996). Relation of parental involvement, empowerment, and school traits to student academic performance. *Journal of Educational Research*, 90, 33-41.
- Helsen, M., Vollebergh, W., & Meeus, W. (2000). Social support from parents and friends and emotional problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 319–335.
- Justo, A. (2005). *A influência do estilo parental no stress do adolescente*. Dissertação de mestrado. Brasil. Consultado a 28 de Junho de 2011. www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=428
- Kuczynski, L., Marshall, S. & Schell, K. (1997). Value socialization in a bidirectional context. In J. E. Grusec & L. Kuczynski (Eds), *Parenting and children's internalization of values*. New York: John Wiley.
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., Dornbusch, S. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child development*, 62, 1049-1065.
- Lord, S. E., Eccles, J. S., & McCarthy, K. A. (1994). Surviving the junior high school transition, family processes, and self-perceptions as protective and risk factors. *Journal of Early Adolescence*, 14, 162--199.
- Maccoby, E. E & Martin. J. A (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. H. Hussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed). *Handbook of Child Psychology*. New York: Wiley.
- Markus, M. T., Lindhout, I. E., Boer, F., Hoogendijk, Arrindell, W. A. (2003). Factors of perceived parental rearing styles: the EMBU-C examined in a sample of Dutch primary school children. *Personality and Individual Differences*, 34, 503-519.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2005). Separation–individuation revisited: On the interplay of parent–adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89–106.
- Moreira, C. (2008). *Estilos Educativos e Posturas parentais face aos estudos, estratégias de estudo, metas académicas e auto-conceito de alunos do 7º ano de escolaridade*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto.
- Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcome. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 37-77). Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Pallock, L. & Lamborn, S. (2006). Beyond parenting practices: extenden kinship support and the academic adjustment of African American and European American teen. *Journal of Adolescence*, 26, 81-828.

- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 1 (XXII), 235-244.
- Pelegrina, S., García-Linares, M & Casanova, P. (2003). Adolescents and their parent's perceptions about parenting characteristics. Who can better predict the adolescent's academic competence. *Journal of Adolescence*, 26, 651-665.
- Reichert, C. B. & Wagner, A. (2007) Autonomia na adolescência e a sua relação com os estilos parentais. *Psico*, Vol. 38, n.º 3, 292-299.
- Renk, K., Donnelly, R., Klein, J., Oliveros, A., & Baksh, E. (2008). Cross-informant ratings of the emotional and behavioral functioning of college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 193–210.
- Shanahan, L., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2007a). Warmth with mothers and fathers from middle childhood to late adolescence: Within- and between-families comparisons. *Developmental Psychology*, 43, 551–563.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Luyckx, K., & Goossens, L. (2006). Parenting and adolescent problem behavior: An integrated model with adolescent self-disclosure and perceived parental knowledge as intervening variables. *Developmental Psychology*, 42, 305-318.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, Mounts, N., Dornbusch. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child development*, 65, 754-770.